

Relatório #42 – Renda fixa deve ser a queridinha em 2022, mas onde investir exatamente?

15 de dezembro de 2021

Olá, investidor!

Como vai?

Sumário

No relatório de hoje, falarei sobre como a desaceleração da inflação em novembro e a recente postura (mais agressiva) do Banco Central em torno da elevação da taxa de juros devem impactar seus investimentos em renda fixa no primeiro semestre de 2022.

Boa leitura!

A volta da inflação

Com as recentes altas vertiginosas dos preços de alguns itens essenciais, com destaque para algumas categorias de alimentos e para os combustíveis, a inflação voltou a preocupar os brasileiros em 2021.

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e utilizado como referência para medir a inflação ao consumidor, acumula alta de 9,26% no ano, e subiu 10,74% nos últimos 12 meses.



Esse indicador leva em consideração 9 categorias de produtos e serviços, cada uma com um peso diferente, sendo as principais a de transportes, que corresponde por 20,6% do índice, alimentos e bebidas, equivalente a 19,3%, e habitação, respondendo por 15,6% do total.

Alguns produtos e serviços, entretanto, sofreram altas de preço muito mais expressivas do que o aumento do IPCA neste intervalo. O etanol, por exemplo, disparou 69,4% nos últimos 12 meses, enquanto o açúcar saltou 51,38%, e a gasolina subiu 50,78%.

A energia elétrica residencial também vem pesando no bolso dos brasileiros, que viram as tarifas subir 31,87% nesse período, impulsionadas pela crise hídrica que assolou o país e impediu o pleno funcionamento das usinas hidrelétricas, forçando as distribuidoras a recorrerem à energia térmica, mais cara e poluente.

Essa alta mais acentuada de preços de produtos e serviços considerados essenciais fez com que a inflação fosse sentida de forma mais intensa pelos consumidores do que indica o IPCA.

O papel do Banco Central

A insatisfação com a postura adotada pelo Banco Central durante a pandemia aumentou a pressão sobre as autoridades monetárias para que se acelerasse o ciclo de alta dos juros, iniciado em março deste ano.



De olho nas projeções para a inflação em 2022 trazidas pelo Relatório de Mercado Focus, que começaram a se distanciar do teto da meta nas últimas semanas, o Comitê de Política Monetária (Copom) endureceu seu discurso. Além de elevar a taxa Selic em 1,5 ponto percentual, para 9,25% ao ano, o órgão sinalizou que deve

anunciar promover outro aumento da mesma magnitude na primeira reunião de 2022, prevista para 1º e 2 de fevereiro.

Porém, é importante lembrar que a alta da Selic tem como efeito colateral a desaceleração da atividade econômica, já que torna o crédito mais caro e escasso. Com a expectativa de que os juros possam superar a marca dos 12% ao ano em 2022, o mercado financeiro avalia que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro deve ser de apenas 0,5% no período.

As medidas começam a surtir efeito

A inflação deu sinais de desaceleração em novembro, quando o IPCA avançou 0,95%, ante alta de 1,25% em outubro. O resultado veio próximo do piso das projeções, e indica que as medidas adotadas pelo Banco Central estão começando a dar resultados.

É importante ter em mente que os efeitos das mudanças na taxa de juros sobre a inflação não são sentidos de imediato, o que significa que a desaceleração do IPCA observada no último mês é reflexo das medidas adotadas pelo BC

ainda no primeiro semestre. A recente aceleração do ciclo de alta da Selic deve ser sentida apenas em 2022.

O que esperar da renda fixa?

Nesse contexto, os investidores buscam opções de renda fixa, como títulos públicos e Certificados de Depósito Bancário (CDBs). Ambos se beneficiam da Selic mais alta e oferecem mais segurança e previsibilidade do que os investimentos em renda variável, como as ações, por exemplo.

O Relatório de Mercado Focus desta semana estima que a Selic deve chegar a 11,5% no próximo ano, recuando para 8% em 2023 e chegando a 7% em 2024, mostrando uma tendência de queda dos juros. Caso a inflação recue e convirja para a meta, o juro real, ou seja, a rentabilidade dos investimentos menos a inflação, deve se manter em patamares atrativos no curto e no médio prazo.

Na minha visão, os títulos públicos com vencimentos mais curtos disponíveis para compra no Tesouro Direto são alternativas interessantes para quem busca opções de investimento seguras, com destaque para o Tesouro Selic 2024.

CDBs garantidos pelo Fundo Garantidor de Créditos (FGC) e fundos de investimento que tenham a taxa do CDI como índice de referência, conhecidos como fundos DI, também são excelentes opções para os investidores mais conservadores, ou mesmo para aqueles que têm perfis mais arrojados, mas desejam alocar parte de seus recursos em ativos mais seguros.

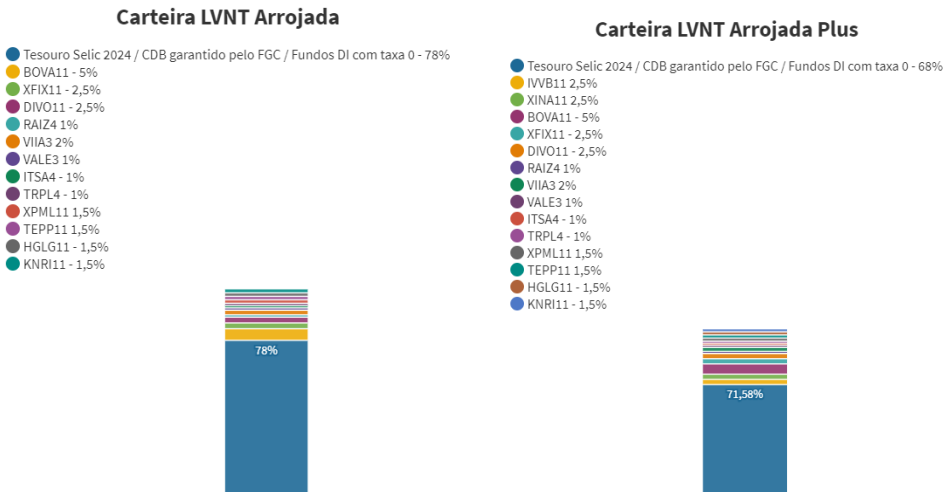
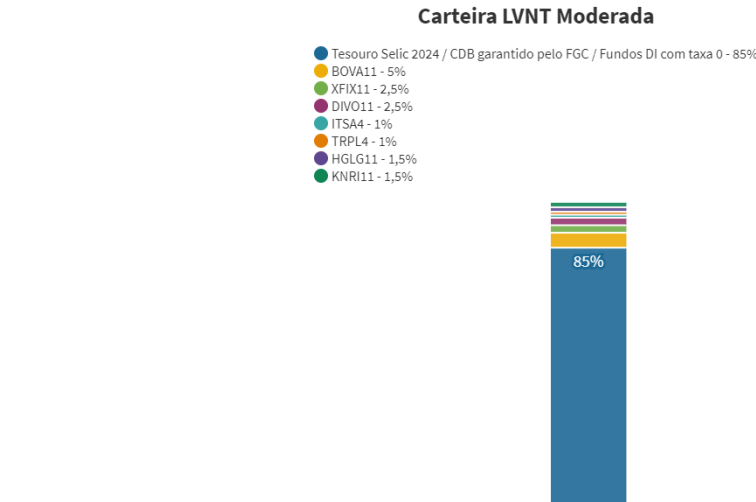
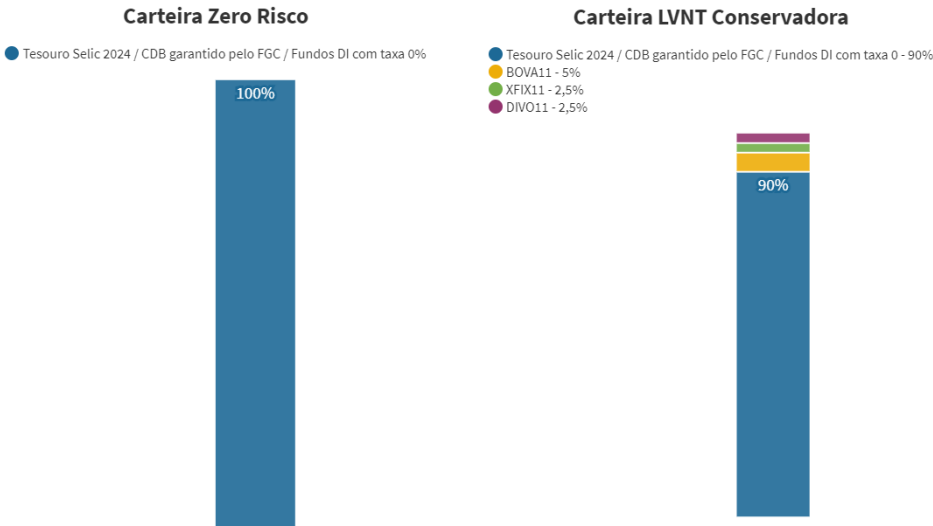
Conclusão

Avalio que a renda fixa deve se manter atraente pelos próximos anos, com investidores buscando por ativos seguros que se beneficiem da alta dos juros no país.

Ainda assim, é preciso selecionar os ativos de renda fixa com cautela, evitando alocar seu patrimônio em opções de investimento que frequentemente rendem menos que a inflação, a exemplo da poupança.

Já conhece todas as carteiras LVNT?





Por hoje é isso e até a próxima!

Felipe Bevilacqua.

DISCLAIMER

Este material foi elaborado exclusivamente pela Levante Ideias de Investimos e pelo analista Felipe Bevilacqua (sem qualquer participação do Grupo UOL) e tem como objetivo fornecer informações que possam auxiliar o investidor a tomar decisão de investimento, não constituindo qualquer tipo de oferta de valor mobiliário ou promessa de retorno financeiro e/ou isenção de risco. Os valores mobiliários, discutidos neste material, podem não ser adequados para todos os perfis de investidores que, antes de qualquer decisão, deverão realizar o processo de *suitability* para a identificação dos produtos adequados ao seu perfil de risco. Os investidores que desejem adquirir ou negociar os valores mobiliários cobertos por este material devem obter informações pertinentes para formar a sua própria decisão de investimento. A rentabilidade de produtos financeiros pode apresentar variações e seu preço pode aumentar ou diminuir, podendo resultar em significativas perdas patrimoniais. Os desempenhos anteriores não são indicativos de resultados futuros.